

Campeões de produtividade: dores e febres nos canavais paulistas.

José Roberto Pereira Novaes.

Cita:

José Roberto Pereira Novaes (Agosto, 2007). *Campeões de produtividade: dores e febres nos canavais paulistas. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/cirujanoplastico/2>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/p3zT/qPB>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas

José Roberto Pereira Novaes¹

Eram 10 horas da manhã do dia 30 de novembro de 2005 quando cheguei à sede do Sindicato dos Empregados Rurais de Cosmópolis para entrevistar cortadores de cana.² Era final da safra da cana em São Paulo. Os trabalhadores se preparavam para regressar às suas regiões de origem. Antes de embarcar o sindicato fazia, para os trabalhadores filiados, a conferencia do pagamento dos direitos trabalhistas e a homologação do encerramento do contrato de trabalho. O ritual de acerto de contas começaria às 14 horas.

Logo que cheguei, ainda pela manhã, encontrei três jovens trabalhadores da cana no sindicato. Eles eram de Cajazeiras, município localizado na região do semi-árido da Paraíba. Os três tinham chegado mais cedo ao sindicato para solicitar a intervenção da diretoria junto ao empreiteiro que não queria pagar-lhes os direitos trabalhistas. Isto depois de trabalharem toda a safra da cana. Depois de sete meses de trabalho nos canaviais, se não recebessem o fundo de garantia, o proporcional de férias e décimo terceiro salário, eles não tinham como voltar para a casa, isto é não tinham dinheiro para comprar a passagem de volta para a Paraíba. Estavam visivelmente debilitados. Um deles estava tomando, por conta própria, um antiinflamatório,

¹ Professor, Doutor, do Instituto de Economia da UFRJ.

² As entrevistas citadas neste artigo foram realizadas no âmbito de uma pesquisa sobre migrações de trabalhadores do Nordeste – particularmente do Maranhão e Piauí – para o corte da cana das modernas usinas paulistas. A pesquisa envolve o Instituto de Economia, da UFRJ, ao qual estou vinculado, e pesquisadores das Universidades Federais São Carlos/SP, do Maranhão, Piauí, e conta com o apoio do Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Superior. Um livro e um filme documentário, sobre as condições de vida e trabalho destes trabalhadores no Nordeste e em São Paulo, explicitando as causas e os efeitos destas migrações no interior do país, estão em fase de finalização.

para aliviar as dores do corpo. Demonstrava ter grande familiaridade com os comprimidos de Buscopan. O outro estava febril e dizia ter acostumado em conviver com a febre. No início da safra passada ele teve pneumonia, dizia ser difícil se acostumar com o frio que faz em São Paulo.

Enquanto a presidente do sindicato notificava o empreiteiro, estes trabalhadores me contaram algumas dificuldades cotidianas enfrentadas nesta safra da cana. Durante a conversa, todos buscavam as causas das doenças a que estavam sujeitos em São Paulo. Falaram sobretudo da falta da família e da alimentação fraca.

Os três trabalhadores eram jovens, todos casados. Embora existam na região aqueles que trazem as mulheres para as temporadas paulistas, estes não trouxeram suas companheiras: com elas as despesas de passagens e de moradia aumentariam muito. Preferiam ficar morando no alojamento com mais dez trabalhadores, pagando R\$ 40,00/mês de aluguel. Com as mulheres teriam que alugar um cômodo no beco ou uma casa com outro casal, aí o valor do aluguel aumentaria para R\$ 80,00/mês. Estes trabalhadores mandavam mensalmente entre R\$70,00 a R\$ 100,00/mês para ajudar a família na Paraíba.

Para se alimentar pagavam R\$ 135,00/mês. Este preço seria mantido sob uma condição: deveriam entregar para a pensão a cesta básica a que têm, mensalmente, direito. Mas, se perdessem um dia de trabalho não recebiam a cesta básica. Neste caso, o valor da pensão passava para R\$ 200,00/mês. Mas, com ou sem cesta básica, eles se queixaram da alimentação fornecida pela pensão, geralmente vinculada aos empreiteiros. Segundo eles, a carne de frango – que comiam todos os dias, por ser a mais barata - é “pobre

em substancia”. Com ela, quem trabalha no pesado no corte da cana, não se repõem as energias que o corpo perde. Em resumo: alimentação fraca, somada às exigências impostas pelo fiscal da turma, se traduz em cansaço, dores no corpo e da coluna, das câimbras e das tendinites.

A conversa prosseguia e eu notava que o trabalhador febril estava cada vez mais prostrado. Às 14 horas o empreiteiro chegou para o acerto de conta. As 14h30min horas fecharam um acordo. Imediatamente após a assinatura, o trabalhador febril teve uma crise convulsiva. O empreiteiro levantou-se, pegou os documentos e saiu. Acordo feito, já não se podia provar nada contra ele, ou contra a Usina, e nem se podia contar com ele. A presidente do sindicato disponibilizou um veículo para transportar o trabalhador ao hospital da cidade e eu resolvi acompanhá-los. O atendimento foi na emergência: soro e outros medicamentos. Posteriormente, foi aplicada uma injeção de Benzetacil, a febre cedeu e, depois de 3 horas de internação, o paciente voltou ao estado normal. Todos no hospital pareciam estar familiarizados com estas doenças de cortadores de cana.

Neste período de atendimento, pudemos presenciar o drama de um outro trabalhador, trazido diretamente do canavial, sangrando com um enorme talho na parte superior do pé. Foram dados vários pontos. Mesmo com o consentimento do trabalhador machucado, a enfermeira impediu-me de fotografá-lo no hospital. Uma foto foi, então, feita no pátio, com o pé do trabalhador já enfaixado, (foto1). Ali mesmo na entrada do hospital, uma terceira vítima apareceu. Agora, um

pai aflito amparava o seu filho trazido do canavial com câimbra. O braço retesado não movia, a dificuldade de locomoção era grande, o paciente reclamava de dores no estomago. Uma vez mais acompanhei o atendimento e fiquei sabendo que também as câimbras são muito comuns por ali.

Convulsão, cortes de facão, câimbras. O que têm em comum estes cortadores de cana? Por um lado, a vida destes três trabalhadores pode ser vista como uma perversa continuidade dos movimentos populacionais do Nordeste para o sul do país, historicamente motivadas pela dificuldade de trabalho e de acesso a terra na suas regiões origem³. A construção civil e as indústrias foram as principais responsáveis pela população nordestina que povoou São Paulo.

Contudo, como milhares de outros o fazem anualmente, estes trabalhadores vêm hoje do Nordeste com um destino certo. A saber: vêm especificamente em busca de trabalho nos canaviais das modernas usinas paulistas. Segundo dados da União da Agroindústria Canavieira (ÚNICA), na safra de 2006, foram mais de 70.000 trabalhadores que vieram para o corte da cana em São Paulo. Neste universo de idas e vindas, a Pastoral dos Migrantes, rede ligada à Igreja Católica, identifica inúmeros casos em que os atendimentos correntes não foram eficazes. As mortes de trabalhadores da cana de açúcar estão na agenda dos organismos religiosos e sindicais e têm chegado ao Ministério Público que busca os elos entre os infartos diagnosticados nos atestados de óbito e as condições de trabalho no rico interior paulista.

³ Sobre migrações do Nordeste ver (Garcia, 1989), Moraes, M (1999), Carneiro (2007) Menezes (2002) Salles(1982), Moraes, D. (2007) , Rezende (2004).

Assim sendo, para compreender os episódios acima relatados, é necessário situa-los em um contexto mais amplo da expansão e modernização da agroindústria do açúcar e do álcool no estado de São Paulo. Primeiramente, trata-se de analisar a segmentação da mão de obra no interior da agroindústria canavieira que, para o sistema de corte mecanizado, exige trabalhadores com habilitações específicas e, por outro lado, reserva o sistema de corte manual, sobretudo, para os nordestinos, habituados a enfrentar trabalho “duro”. Em segundo lugar, trata-se de analisar o paradoxo trazido pela modernização na gestão desta mão de obra que institui um sofisticado sistema de incentivos e prêmios por produtividade e, ao mesmo tempo, inicia uma inédita temporada de doenças e mortes entre os trabalhadores a cana. Mesmo sem a menor intenção de esgotar tais questões, estes são os dois objetivos deste pequeno artigo.

1- Cana de açúcar: modernização tecnológica e intensificação do trabalho manual

A expansão da agroindústria canavieira está relacionada com as boas perspectivas do mercado internacional do álcool, como alternativa de energia renovável e menos poluidora que o petróleo. Além disto, o mercado internacional do açúcar também é favorável. As restrições aos subsídios para a exportação do açúcar, impostas aos produtores europeus pelo Mercado Comum Europeu, e a competitividade da produção brasileira no mercado internacional tem atraído investimentos de grupos internacionais para esta

agroindústria no Brasil⁴ assegurando a expansão das atividades deste setor.

Em artigo publicado na grande imprensa, são anunciados os números em que se baseiam os empresários da cana de açúcar “*Nos próximos 5 anos (até 2010) serão implantadas 90 novas usinas no Brasil, incorporando uma área plantada de cana de 2,7 milhões de hectares aos 6 milhões de hectares já ocupados pela lavoura no país. Com esta incorporação a produção deverá saltar das 425 milhões de toneladas projetadas para a safra 2006/07 para 550 milhões de toneladas em 2010. Durante este período a capacidade de produção será ampliada em São Paulo com a construção de 39 novas usinas e modernização das unidades já existentes*”.

(ÚNICA, FSP, 19/02/2006)

Por vários motivos, a modernização e a expansão da lavoura nas últimas safras da cana possibilitaram a coexistência de dois sistemas de corte nos canaviais das modernas usinas paulistas, o sistema de corte manual e o sistema mecanizado. A proporção de utilização de um ou outro sistema varia de acordo as estratégias de cada unidade de produção e das restrições técnicas apresentadas pelas colheitadeiras mecânicas. Assim, por exemplo, existem usinas (como a São Martinho, na região de Ribeirão Preto) que corta 90%

⁴ Dados da ÚNICA registram a participação de grupos estrangeiros e fundos de investimentos no setor. Estes grupos já controlam cerca de 5% da produção nacional da cana - cerca de 20 milhões de toneladas. A entrada de estrangeiros no ramo teve início no ano 2000, com o grupo francês Louis Dreyfus. Em 2001 o grupo Tereos (ex-Beghin-Say) adquiriu usinas no estado de São Paulo. O grupo argentino Adeco Agropecuária anunciaram sua entrada no país nos últimos meses com também os fundos de investimento Infinity Bio-Energy, que incorporou o fundo Evergreen, e o fundo BDF, cujo um dos sócios é o banco francês Société Générale. Segundo depoimento de um técnico do Instituto Agronômico de Campinas são inúmeras as solicitações de informações demandadas pelos grandes grupos internacionais (australianos, holandeses, alemães etc..) sobre o mapeamento de solos para aquisição de propriedades e investimentos em cana de açúcar.

da cana pelo sistema mecanizado e usinas como a (Ester na região de Campinas) que o utiliza em apenas 15% da área de cana. De fato, existe uma grande variação. O grupo COSAN que possui 14 usinas no Estado de São Paulo, utilizou a colheita mecânica em 30% da área de cana destas usinas, na safra de 2005. A usina Santa Adélia, localizada no município de Jaboticabal, o utilizou em 50% de sua lavoura na safra de 2006 e pretende expandir esta utilização para 70% na safra de 2007⁵.

Tanto a implantação de novas unidades de produção como a modernização das usinas em operação provocam mudanças na dinâmica do mercado de trabalho na cana. Um dos seus efeitos é a contratação de mão-de-obra qualificada (agrônomos, técnicos agrícolas, engenheiro químico, contador, engenheiro de produção, psicólogos, e outros), formados nas Universidades e nos centros tradicionais de pesquisa como o Instituto Agronômico de Campinas, a COOPERSUCAR e a EMBRAPA. Contudo, no que diz respeito ao trabalho no eito da cana, este processo impulsiona a constituição de dois universos bastante distintos que correspondem ao sistema de corte mecanizado e manual.

Para o corte mecanizado os principais critérios de seleção dos trabalhadores estão relacionados à especialização, a escolaridade e ao local de moradia próximo da usina. O funcionamento operacional deste sistema implica na integração de diferentes especializações: motoristas, tratoristas, operadores de máquinas, mecânicos, outros. Estes trabalhadores são

⁵ Informações obtidas em entrevistas realizadas com Técnicos do Departamento de Recursos Humanos das referidas usinas realizadas em outubro de 2005, no âmbito da pesquisa sobre migrações.

contratados diretamente pela usina através do contrato de trabalho por tempo indeterminado, que assegura, além dos direitos trabalhistas básicos, o seguro desemprego quando houver demissão. Scopinho (1995) realizou um estudo sobre a exploração e as doenças do trabalho a que estão sujeitos estes trabalhadores, o ritmo e a jornada excessiva de trabalho determinados pela capacidade operacional das colheitadeiras. Nestas circunstâncias o trabalho encontra-se subordinado a ela.

No sistema manual de corte as exigências na seleção são outras e o tipo de contrato de trabalho é por tempo determinado, contrato safrista. Neste tipo de contrato os trabalhadores não recebe, por lei, o seguro desemprego no final do contrato. No corte manual os trabalhadores não estão subordinados e dependentes do ritmo da máquina, não são apêndices da máquina. Para a seleção dos trabalhadores no sistema de corte manual, prioriza-se os critérios de habilidade, destreza, força e resistência física e local moradia distante do local de trabalho. A força física e a destreza são critérios imprescindíveis para assegurar o aumento da produtividade neste sistema de corte que supõe a intensificação do ritmo de trabalho. No sistema de corte manual não houve substituição do instrumento de trabalho, o facão continua sendo o instrumento de trabalho. As inovações se limitam a melhorias na lâmina e no cabo.

Os trabalhadores que chegam do Nordeste possuem um perfil condizente com o que se precisa hoje para o corte manual. Segundo eles próprios, por terem sido, desde crianças, socializados no árduo e duro trabalho da agricultura na sua região de origem, o

trabalho no canavial não os assusta. Além disto, segundo relato dos técnicos das usinas, são preferidos pelos usineiros por serem mais dedicados ao trabalho e gratos aos empregadores pela oportunidade do emprego, inexistentes em suas regiões. A necessidade premente de ganhar dinheiro, para assegurar a subsistência da família distante, tem funcionado como um freio que os torna mais tolerantes com descumprimentos de leis trabalhistas, com as injustiças e as distorções que ocorrem nas medições feitas pelo fiscal de turma em sua produção diária no corte da cana.

Contudo, as particularidades do corte manual - em um contexto de modernização e intensificação da produção - implicaram na introdução de novas formas de controle do trabalho no corte da cana, dentre elas destaca-se o ganho pela produção, pela metragem e pesagem da cana cortada. Somando-se a estes critérios o tipo da cana cortada, tem-se a referência para calcular o salário. Assim, a lógica da eficiência do corte manual é determinada pelo lema: “quanto mais se corta mais se ganha”.

Para serem selecionados pela usina, os candidatos terão que cortar no mínimo 10 toneladas de cana/dia. Caso contrário, eles serão demitidos. Geralmente esta “poda” se faz até 60 dias após a admissão. O sistema de seleção funciona desta maneira. Sem nomear a usina, relato um caso que observei. A Usina X contratou 5.000 trabalhadores no início da safra. No primeiro mês, calculou-se o rendimento médio desta turma. No caso analisado, foram descartados 2.000 trabalhadores, que não conseguiram

alcançar a média. No segundo mês, o mesmo procedimento se repete, agora com 3.000 trabalhadores. Nesta etapa foram “podados” mais 1.000 trabalhadores que tiveram uma produção inferior à media da turma. Assim, os 2.000 trabalhadores, altamente produtivos, selecionados neste processo, conseguiram realizar o quantum de produção dos 5.000 trabalhadores que iniciaram a safra. Estes trabalhadores selecionados chegam a cortar até 20 toneladas de cana/dia, e manter uma média mensal entre 12 a 17 toneladas/dia.

Este caso não é uma exceção. A produtividade do trabalho no corte manual dobrou em relação há 20 anos atrás, onde se cortava de 4 a 6 toneladas de cana/dia, sem que houvesse mudanças substanciais na forma de corte e nos instrumentos de trabalho (Alves,1992). Não por acaso, as usinas procuram colocar em prática técnicas motivacionais para estimular a competição entre os trabalhadores e aumentar a produtividade do trabalho. Um estímulo financeiro é dado com as bonificações concedidas pelas usinas quando as metas de produção são cumpridas, são os Programas de Participação de Resultados (PPR). Em nível pessoal, destacamos a premiação aos trabalhadores mais produtivos com doação de bicicletas, televisão, rádio, geladeira, etc. Neste cenário é que surge a figura dos “campeões de produtividade”.

2- O repositor hidroelectrolítico e vitamínico: um símbolo da modernização dolorosa

Cortar no mínimo 10 toneladas de cana por dia significa um enorme desgaste físico dos trabalhadores. Neste patamar de produção os riscos de acidentes de

trabalho aumentam, pois o corpo extenuado perde a precisão dos golpes do facão na cana, as pernas e a mão involuntariamente viram alvos. Os movimentos repetitivos e seqüenciais realizados pelos trabalhadores favorecem o aparecimento de doenças do trabalho como as já citadas: dores no corpo, tendinites, bursites e problemas de coluna.

As câimbras também aparecem com muita freqüência nos trabalhadores da cana. Ela começa a dar nas mãos, trava as mãos e a dor é grande. A câimbra é uma manifestação da fraqueza do corpo, dizem os trabalhadores. Geralmente a câimbra acontece na parte da tarde, quando o cansaço é maior. Das mãos, ela passa para as pernas, até tomar o corpo todo. A cada minuto que passa, a câimbra vai aumentando e se houver demora no atendimento o trabalhador pode morrer. Um médico entrevistado no âmbito da pesquisa, assim se expressou sobre as câimbras:

“quando o trabalhador é submetido a uma carga de trabalho e seu físico não está acostumado, e se ele estiver debilitado ou se portador de uma doença preexistente, uma cardiopatia, ele pode ter uma morte súbita se submetido a trabalho excessivo com sudorese. A transpiração excessiva provoca perda de eletrólitos, de sais do organismo. Se você pegar a camisa de um trabalhador ela chega a estar branca por causa da perda de sais. A câimbra é o primeiro sintoma de quando você tem distúrbio hidroeletrolítico. A câimbra é acúmulo de ácido láctico na musculatura. Ele fica todo contorcido, parece um possuído. Pra você ter uma idéia, é quase como uma convulsão. E dói,dói muito aquilo. Um jogador de futebol, um atleta

preparado quando tem câimbra ele é substituído. Imagine um trabalhador rural que se submete a uma rotina dura de trabalho. O tratamento correto é a hidratação com soro fisiológico. Existem usinas agora que fornecem um pó para misturar na comida para repor algumas perdas de vitaminas e proteínas. Eu nunca presenciei uma morte súbita por decorrência de distúrbio hidroeletrolítico, de câimbra. Geralmente, a pessoa chega morta no Pronto Socorro..”.

Do ponto de vista das Usinas, o reconhecimento desta realidade, demandou a busca de uma solução técnica. O médico entrevistado fez referencia a distribuição gratuita pelas usinas de um repositor hidroeletrolítico e vitamínico, indicado para trabalhadores com intensa atividade física. De fato, em algumas usinas os trabalhadores na safra da cana ingerem diariamente este produto, antes de começar o corte da cana. Com este estimulante as dores do corpo desaparecem, as câimbras diminuem e a produtividade aumenta. Os trabalhadores sentem-se confortáveis quando ingerem este produto. Reivindicam uma dosagem maior do permitido, pois super energizados podem produzir mais e ganhar mais.

Também para aliviar as dores no corpo, provocadas pelo excesso de trabalho, busca-se os antiinflamatórios, prescritos pelos médicos ou adquiridos livremente nas farmácias para aliviar as dores de coluna e musculares, as bursite e as tendinites. Com este produto eles asseguram rápido reingresso ao trabalho sem prejuízo a sua produtividade e sem necessitar de afastamento do trabalho, expediente

condenado pela usina e desinteressante para os trabalhadores - que passam a receber o dia não trabalhado pela diária, cujo valor era de apenas R\$ 14,00 na safra de 2006 (e, como já foi dito, com uma falta ainda perdem a cesta básica do mês).

Soros e remédios são expedientes adotadas pelas usinas e pelos próprios trabalhadores para garantir um ritmo de trabalho que vai além da capacidade física de muitos. Como em um processo de “seleção natural”, sobrevivem os mais fortes. Mas, a pergunta é *como* e *até quando* sobrevivem. Soros e remédios podem ser vistos como expressão do paradoxo de um tipo de modernização e expansão da lavoura canavieira que delapida a mão de obra que a faz florescer. Ainda não temos dados quantitativos que detalhem as consequências do uso destes paliativos. Entretanto, as aposentadorias por invalidez entre trabalhadores de pouca idade e a ocorrência das mortes de trabalhadores por excesso de trabalho nos canaviais das modernas usinas, como tem ocorrido nas últimas safras da cana em São Paulo, se apresentam como evidências a convocar tomada de posição de diferentes instâncias do poder público.

Nota final: Em busca de trabalho descente

Os meios de comunicação têm registrado o orgulho dos habitantes do interior do Estado de São Paulo, no que se refere ao progresso, a qualidade de vida, a maior produção de açúcar, álcool e suco de laranja do mundo. Neste cenário de ufanismo que aparecem slogans: “Este é o Brasil que deu certo” e “Ribeirão Preto: Califórnia Brasileira”. No que diz respeito à produção sucro-alcoleira, a expansão recente

ampliou a supremacia econômica e de poder dos usineiros paulistas nas instancias de planejamento das atividades do setor, deslocamento tradicionais oligarquias nordestinas.

Os versos de Pedro Costa, publicados na revista “De repente”, (05/2006), oferecem uma interpretação da realidade, nomeando o trabalho na moderna agroindústria paulista como “sub-escravo” .

Os usineiros da cana
Otentam esta visão
Política do lucro fácil
Cultura da exploração
Um pensamento arcaico
Do tempo da escravidão

O trabalhador do campo
É mais do que explorado
Dez toneladas por dia
Para manter registrado
Quem não atingir este teto
Já está desempregado.

Milhares de nordestinos
Vivem estes empecilhos
Num trabalho sub-escravo
Seus olhos perderam os brilhos
Acorda Brasil, acorda!
Pra cuidar dos teus filhos

Já o médico por nós entrevistado, aponta para a necessidade de uma “política médica” específica para o setor que seleciona os “campeões de produtividade”.

“Agora para você realmente chegar a uma conclusão seria necessário uma política de medicina do trabalho para esses trabalhadores, no qual eles fossem previamente feito um eletrocardiograma, ver se a função renal deles está equilibrada, ver a capacidade aeróbica do mesmo. Então falta essa política médica para esse setor. Embora, a gente vê alguma movimentação nesse sentido de alguns médicos do trabalho, mas falta uma legislação. Essas dez mortes no campo se você for investigar, um pode ter tido um acidente vascular, outro pode ter tido uma pancreatite. Mas a questão trabalhista de saúde do trabalhador precisa ser muito bem avaliada e chegar à um programa de proteção ao mesmo”.

De fato, para melhorar as condições de trabalho nos canaviais das modernas usinas paulistas é preciso que cresçam as possibilidades de inserção produtiva no nordeste, como sugere o repentista. Assim como, o que se espera da modernização é que ela seja acompanhada de uma condizente medicina do trabalho.

Contudo, do ponto de vista sindical, a polêmica se dá em torno da seguinte questão: reafirmar a “conquista” do ganho produtividade do trabalho no corte manual da cana ou lutar para substituir esta forma de remuneração da produção pelo salário? Esta polêmica está presente nas pautas sindicais. Não há consenso. Porém, todos concordam que é urgente: aumentar o preço da unidade de cana cortada, criar mecanismos para que os trabalhadores possam controlar a metragem e a pesagem da cana cortada e para que participem efetivamente das instâncias formadoras dos preços da cana.

A rigor, trata-se de aprimorar os mecanismos de fiscalização que, de fato, evitem a permanência de situação indigna de trabalho, encontrada em profusão em todas as regiões canavieiras do país e também nas modernas usinas paulistas. O trabalho digno que protege a vida. O trabalho nos canaviais paulistas, ainda que revestido da sofisticação dos Departamentos de Recursos Humanos, tem causado sofrimento e morte entre trabalhadores em pleno século XXI, na Califórnia à Brasileira.

Referências Bibliográficas

ALVES, Francisco José da Costa,
- “Modernização da Agricultura e Sindicalismo Rural”,
(tese doutorado) Instituto Economia/UNICAMP –
1992, Campinas.

CARNEIRO, Marcelo
- Migração, estrutura agrária e redes sociais: uma análise do deslocamento de trabalhadores maranhenses rumo à lavoura da cana em São Paulo.
Editora UFSCar (prelo), São Carlos, 2007

CASASSUS, M. Cecília
- "Del Modelo Neoclásico a las Teorías de la Segmentación del Mercado de Trabajo.", Sociología del Trabajo, 3/4 de 1980, pg.9/22,

COSTA, Pedro
- in Revista “DE REPENTE”, Fundação Nordestina de Cordel – FUNCOR, ano XII,nº 50, abril e maio de 2006, Teresina, Piauí

GARCIA JR., Afrânio
- O Sul caminho do roçado: estratégia de reprodução camponesa e transformação social, Editora Universidade de Brasília e CNPQ, 1989, Brasilia

MENEZES, Marilda Aparecida,
-“ Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses migrantes”, Editora UFPB, 2002, João Pessoa

MORAES, Maria Aparecida,

- “ As Andorinhas nem cá, nem lá” – Recursos Visuais na pesquisa social – Caderno CERU, 1988. São Paulo:V9,n2,p.29-45.
- “ Errantes do Fim do Século”, EDUNESP, Editora UNESP, V1,p367, 1999. São Paulo
- “Trabalho e Trabalhadores na região do “mar de cana e rio de álcool”. Encontro “Trabalhadores Canavieiros: educação, direito, trabalho”, UFSCar, 2005, São Carlos - SP

MORAES, Dione et alli,

- “ANDANDO PELO MUNDO ”

(Significados da migração temporária: do Piauí para a agroindústria canavieira paulista), Editora UFSCar (prelo), São Carlos, 2007

NOVAES, José Roberto & ALVES, Francisco.,

- “No eito da cana” Editora Rima, 2002,São Carlos.

NOVAES, José Roberto

- “O Nordeste Canavieiro: Mudanças nas relações de trabalho e nas relações de poder”, tese doutorado, Instituto Economia/ UNICAMP, Campinas - SP

PADRÃO, Luciano Nunes.

- “ Processo de Trabalho em Tempo de Reestruturação Produtiva: Estratégia de controle na agroindústria” tese mestrado, UFRRJ, 1996, Rio de Janeiro

SALES, Tereza,

- “Agrestes, Agrestes: transformações recentes na agricultura nordestina”, Editora Paz e Terra, 1982, Rio de Janeiro.

SCOPINHO, Rosemeire et alli,

- Caderno de Saúde Pública, 15(1):147-161, jan-mar, 1999, Rio de Janeiro.

SETUBAL, Mariana

- Refuncionalização da Servidão: Uma Análise da Permanência de Formas de Escravidão na Agroindústria Canavieira de Campos dos Goytacazes, Editora UFSCar, 2007, (prelo), São Carlos.

Resumo

A partir da década de 70 a agroindústria canavieira passou por um processo de modernização e diversificação da produção que asseguraram a sua expansão para além das regiões tradicionalmente produtoras. Nos últimos anos este processo ganhou mais visibilidade pelas condições favoráveis do açúcar e do álcool mercado internacional e pela entrada dos investimentos internacionais neste setor. Estas mudanças alteraram a dinâmica do mercado de trabalho, as formas de seleção, os tipo de contrato de trabalho, a organização do trabalho agrícola e o perfil dos trabalhadores. Neste cenário é que os empresários continuam priorizando a contratação dos trabalhadores migrantes para o trabalho na safra da cana. A razão primordial desta preferência se evidencia nos elevados níveis de produtividade destes trabalhadores no corte da cana. Eles foram habituados, desde criança, ao trabalho duro na terra para assegurar a sobrevivência da família. O trabalho nos canaviais não os amedronta mesmo quando as exigências impostas os colocam no limite da sua capacidade física que deteriora seu corpo trazendo sérias consequências para sua saúde. Este artigo mostra a deterioração nas condições de trabalho nos canaviais e explicita as medidas paliativas colocadas em prática pelos usineiros para melhorar as condições de trabalho sem alterar as exigências e os níveis de produtividade do trabalho, as formas de remuneração e o controle da produção..

Palavras chaves: agroindústria canavieira, trabalho, saúde, exploração.